

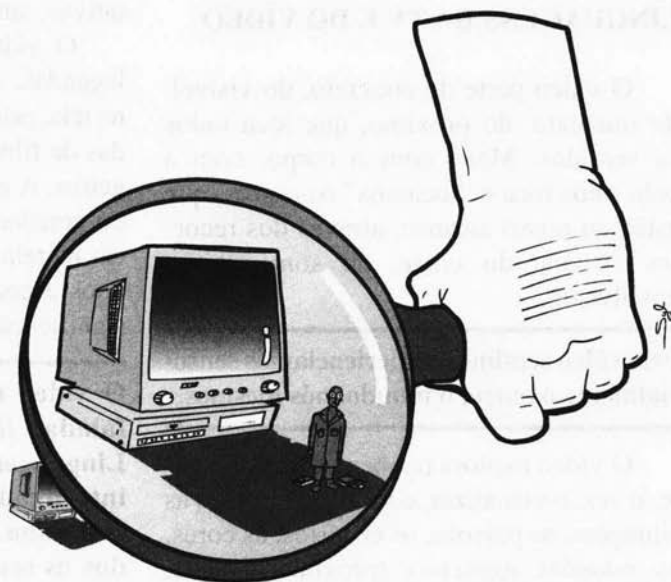
O VÍDEO NA SALA DE AULA

O vídeo pode ser usado em sala de aula como um instrumento de leitura crítica da mídia.

O pesquisador José Manuel Morán mostra, no artigo a seguir, como a incorporação da tecnologia ao ensino auxilia na formação de alunos mais conscientes.

Finalmente o vídeo está chegando à sala de aula. E dele se esperam, como em tecnologias anteriores, soluções imediatas para os problemas crônicos do ensino-aprendizagem. O vídeo ajuda a um professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. Aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, e também introduz novas questões no processo educacional.

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um *contexto de lazer*, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na concepção dos



O AUTOR

José Manuel Morán

Professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP. Pesquisador do Projeto Escola do Futuro na USP.

alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico. Mas, ao mesmo tempo, saber que necessitamos prestar atenção para estabelecer novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

Vídeo significa também uma *forma de contar multilingüística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais*, mais próxima da sensibilidade e prática do homem urbano e ainda distante da linguagem educacional, mais apoiada no discurso verbal-escrito.

LINGUAGENS DA TV E DO VÍDEO

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, do próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele - nos toca e "tocamos" os outros, que estão ao nosso alcance, através dos recortes visuais, do *close*, do som estéreo envolvente.

Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

O vídeo explora também, e basicamente, o *ver*, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as *relações espaciais* (próximo-distante, alto-baixo, direita-esquerda, grande-pequeno, equilíbrio-desequilíbrio). Desenvolve um *ver* entrecortado, com múltiplos recortes da realidade, através dos planos e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou se movendo, imagens ao vivo, gra-

vadas ou criadas no computador. Um *ver* que está situado no presente, mas que o interliga não-linearmente com o passado e com o futuro.

O *ver* está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. A fala aproxima o vídeo do cotidiano, de como as pessoas se comunicam habitualmente. Os diálogos, em geral, expressam a fala coloquial, enquanto o narrador (normalmente em *off*) "costura" a cena, as outras falas, dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. *A narração falada ancora todo o processo de significação.*

A música e os efeitos sonoros servem como evocação, lembrança, ilustração - associados a personagens do presente, como nas telenovelas - e de criação de expectativas, antecipando reações e informações.

O vídeo é também escrita. Os textos, legendas, citações aparecem cada vez mais na tela, principalmente nas traduções (legendas de filmes) e nas entrevistas com estrangeiros. A escrita na tela hoje é fácil, através do gerador de caracteres, que permite colocar na tela textos coloridos, de vários tamanhos e com rapidez, fixando ainda mais a significação atribuída à narrativa falada.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.

O vídeo *combina a comunicação sensorial-cinestésica com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão.* Combina, mas começa pelo sensorial, pelo

emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional.

TV e vídeo encontraram a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas. O ritmo torna-se cada vez mais alucinante (por exemplo, nos videocliques). A lógica da narrativa não se baseia necessariamente na causalidade, mas na *contigüidade*, em colocar um pedaço de imagem ou história ao lado da outra. A sua retórica conseguiu encontrar fórmulas que se adaptam perfeitamente à sensibilidade do homem contemporâneo. As narrativas usam uma linguagem concreta, plástica, de cenas curtas, com pouca informação, com ritmo acelerado e contrastado, multiplicando os pontos de vista, os cenários, os personagens, os sons, as imagens, os ângulos, os efeitos.

Os temas são pouco aprofundados, explorando os ângulos emocionais, contraditórios, inesperados. Passam a informação em pequenas doses (compacto), organizadas em forma de mosaico (rápidas sínteses de cada assunto) e com apresentação variada (cada tema dura pouco e é ilustrado).

As mensagens dos meios audiovisuais exigem pouco esforço e envolvimento do receptor. Este tem cada vez mais opções, mais possibilidades de escolha (controle remoto, canais por satélite, por cabo, escolha de filmes em vídeo). Há maior possibilidade de interação: televisão bidirecional, jogos interativos, videodisco e CD (*Compact Disc*). A possibilidade de escolha e participação e a liberdade de canal e acesso facilitam a relação do espectador com os meios.

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão.

O jovem lê o que pode visualizar, precisa *ver para compreender*. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo.

A linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com um papel de mediação primordial no mundo, enquanto que a linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização e a análise lógica.

PROPOSTA DE USO DO VÍDEO

Propomos, a seguir, um roteiro simplificado e esquemático com algumas formas de trabalhar com o vídeo na sala de aula. Como roteiro não há uma ordem rigorosa e pressupõe total liberdade de adaptação destas propostas à realidade de cada professor e dos seus alunos.

Usos inadequados em sala de aula

a) *Vídeo tapa-buraco*: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil mas, se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa - na cabeça do aluno - a não ter aula;

b) *Vídeo-enrolação*: exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso;

c) *Vídeo-deslumbramento*: o professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passar vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas;

d) *Vídeo-perfeição*: existem professores que questionam todos os vídeos possíveis, porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los junto com os alunos, e questioná-los;

e) *Só vídeo*: não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

Propostas de utilização

a) Começar por vídeos mais *simples*, mais fáceis e exibir depois vídeos mais *complexos* e difíceis, tanto do ponto de vista temático quanto técnico. Pode-se partir de vídeos ligados à televisão, vídeos próximos à sensibilidade dos alunos, vídeos mais atraentes, e deixar para depois a exibição de vídeos mais artísticos, mais elaborados;

b) Vídeo como *sensibilização*. É, do nosso ponto de vista, o uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria;

c) Vídeo como *ilustração*. O vídeo muitas vezes ajuda a mostrar o que se fala em aula, a compor cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um vídeo que exemplifica como eram os romanos na época de Júlio César ou Nero, mesmo que não seja totalmente fiel, ajuda a situar os alunos no tempo histórico. Um vídeo traz para a sala de aula realidades distantes dos alunos, como por exemplo a Amazônia, a África ou a Europa. A vida aproxima-se da escola através do vídeo;

d) Vídeo como *simulação*. É uma ilustração mais sofisticada. O vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos. Um vídeo pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta, de uma árvore - da semente até à maturidade - em poucos segundos;

e) Vídeo como *conteúdo de ensino*. Vídeo que mostra determinado assunto, de forma direta ou indireta. De forma direta, quando informa sobre um tema específico orientando a sua interpretação. De forma indireta, quando mostra um tema, permitindo abordagens múltiplas, interdisciplinares;

f) Vídeo como *produção*.

- Como *documentação*: registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, de depoimentos. Isso facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. *O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo, assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas.*

- Como *intervenção*: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora, ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados. O professor precisa perder o medo, o excessivo "respeito" ao vídeo. Assim como ele interfere num texto escrito, modificando-o, acrescentando novos dados, novas interpretações e contextos mais próximos do aluno, assim ele poderá fazê-lo com o vídeo.

- Como *expressão*: como nova forma de comunicação adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos.

Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários em que muitas crianças possam assistir;

g) Vídeo como *avaliação*: dos alunos, do professor, do processo.

- *Vídeo-espelho*. Ver-se na tela para poder compreender-se, para descobrir o próprio corpo, os gestos, os cacoetes. Vídeo-espelho para análise do grupo e dos papéis de cada um; para acompanhar o comportamento de cada um, do ponto de vista participativo; para incentivar os mais retraídos e pedir aos que falam muito para darem mais espaço aos colegas.

O vídeo-espelho é de grande utilidade para o professor se ver na tela, examinar sua comunicação com os alunos, suas qualidades e defeitos;

h) Vídeo como *integração/suporte* de outras mídias.

- Vídeo como suporte *da televisão e do cinema*. Gravar em vídeo programas importantes da televisão para utilização em aula.

Alugar ou comprar filmes de longa-metragem, documentários para ampliar o conhecimento de cinema, iniciar os alunos na linguagem audiovisual.

- Vídeo *interagindo com outras mídias* como o computador, o videodisco, o *CD-ROM*, o *CD-I* (Compact-Disk Interactive), com os *videogames*, com o telefone (videofone). O videofone possibilita interligar, com imagem e som, professores com colegas de outras escolas e com grupos de alunos, abrindo as salas de aula para novos intercâmbios pedagógicos e comunicacionais.

COMO VER O VÍDEO

Antes da exibição

a) Informar somente aspectos gerais do vídeo (autor, duração, prêmios etc.). Não interpretar antes da exibição, não prejudicar (para que cada um possa fazer a sua leitura);

b) Checar o vídeo antes. Conhecê-lo. Ver a qualidade da cópia. Deixá-lo no ponto antes da exibição. Zerar a numeração (apertar a tecla *RESET*). Apertar também a tecla *MEMORY* para voltar ao ponto desejado. Checar o som (volume), o canal de exibição (3 ou 4), o *TRACKING* (a regulação de gravação), o sistema (NTSC ou PAL-M).

Durante a exibição

- a) Anotar as cenas mais importantes;
- b) Se for necessário (para regulação ou fazer um rápido comentário) apertar o *PAUSE* ou *STILL*, sem demorar muito nele, porque danifica a fita;
- c) Observar as reações do grupo.

Depois da exibição

a) Voltar a fita ao começo (*RESET/MEMORY*);

b) Rever as cenas mais importantes ou difíceis. Se o vídeo é complexo, exibi-lo uma segunda vez, chamando a atenção para determinadas cenas, para a trilha musical, diálogos, situações;

c) Passar quadro a quadro as imagens mais significativas;

d) Observar o som, a música, os efeitos, as frases mais importantes.

Propomos alguns caminhos - entre muitos possíveis - para a análise do vídeo em classe.

DINÂMICAS DE ANÁLISE

Leitura em conjunto

O professor exhibe as cenas mais importantes e as comenta junto com os alunos, a partir do que estes destacam ou perguntam. É uma conversa sobre o vídeo, com o professor como moderador.

O professor não deve ser o primeiro a dar a sua opinião, principalmente em matérias controvertidas, nem monopolizar a discussão, tampouco deve ficar em cima do muro. Deve posicionar-se, depois dos alunos, trabalhando sempre dois planos: o ideal e o real; o que deveria ser (modelo ideal) e o que costuma ser (modelo real).

Leitura globalizante

Fazer, depois da exibição, estas quatro perguntas:

- Aspectos positivos do vídeo;
- Aspectos negativos;
- Idéias principais que passa;
- O que vocês mudariam neste vídeo.

Se houver tempo, essas perguntas serão respondidas primeiro em grupos menores e depois relatadas/escritas no plenário. O professor e os alunos destacam as coincidências e divergências. O professor faz a síntese final, devolvendo ao grupo as leituras predominantes (em que se expressam valores, que mostram como o grupo é).

Leitura concentrada

Escolher, depois da exibição, uma ou duas cenas marcantes. Revê-las uma ou mais vezes.

Perguntar (oralmente ou por escrito):

- O que chama mais a atenção (imagem/som/palavra);
- O que dizem as cenas (significados);
- Conseqüências, aplicações (para a nossa vida, para o grupo).

Leitura "funcional"

Antes da exibição, escolher algumas funções ou tarefas (desenvolvidas por vários alunos) - o contador de cenas (descrição sumária, por um ou mais alunos):

- Anotar as palavras-chave;
- Anotar as imagens mais significativas;
- Caracterização dos personagens;
- Música e efeitos;
- Mudanças acontecidas no vídeo (do começo até o final).

Depois da exibição, cada aluno fala e o resultado é colocado no quadro negro ou flanelógrafo. A partir do quadro, o professor completa com os alunos as informações, relaciona os dados, questiona as soluções apresentadas.

Análise da linguagem

- a) Que história é contada (reconstrução da história).

b) Como é contada essa história:

- o que lhe chamou a atenção visualmente;

- o que destacaria nos diálogos e na música.

c) Que idéias passa claramente o programa (o que diz claramente esta história):

- o que contam e representam os personagens;

- qual o modelo de sociedade apresentado.

d) Ideologia do programa:

- mensagens não questionadas (pressupostos ou hipóteses aceitos de antemão, sem discussão);

- valores afirmados e negados pelo programa (como são apresentados a justiça, o trabalho, o amor, o mundo);

- como cada participante julga esses valores (concordâncias e discordâncias nos sistemas de valores envolvidos). A partir de que momento cada um de nós julga a história.

Completar o vídeo

a) Exibe-se um vídeo até um determinado ponto;

b) Os alunos desenvolvem, em grupos, um final próprio e justificam o porquê da escolha;

c) Exibe-se o final do vídeo;

d) Comparam-se os finais propostos e o professor manifesta também a sua opinião.

Modificar o vídeo

a) Os alunos procuram vídeos e outros materiais audiovisuais sobre um determinado assunto;

b) Modificam, adaptam, editam, nar-ram, sonorizam diferentemente. Criam um

material adaptado à sua realidade, à sua sensibilidade.

Vídeo-produção

a) Contar em vídeo um determinado assunto;

b) Pesquisa em jornais, revistas, entrevistas com pessoas;

c) Elaboração do roteiro, gravação, edição, sonorização;

d) Exibição em classe e/ou em circuito interno;

e) Comentários positivos e negativos. A diferença entre a intenção e o resultado obtido.

Vídeo-espelho

A câmera registra pessoas ou grupos e depois se observa o resultado com comentários de cada um sobre seu desempenho e sobre o dos outros.

O professor olha seu próprio desempenho, comenta e ouve o comentário dos outros.

Outras dinâmicas interessantes

a) *Dramatizar* situações importantes do vídeo já visto e discuti-las comparativamente. Usar a representação, o teatro como meio de expressão do que o vídeo mostrou, adaptando-o à realidade dos alunos. Um exemplo: alguns alunos escolhem personagens de um vídeo e os representam adaptando-os à sua realidade. Depois, comparam-se os personagens do vídeo e os da representação, a história do vídeo com a adaptada pelos alunos;

b) *Adaptar* o vídeo ao grupo: contar oralmente, por escrito ou audiovisualmente situações nossas próximas às mostradas no vídeo;

c) *Desenhar* uma tela de televisão e colocar o que mais impressionou os alunos. O professor exhibe num mural os desenhos e todos comentarão as coincidências principais e o seu significado;

d) *Comparar* - principalmente em aulas de literatura - um vídeo baseado em uma obra literária com o texto original. Destacar os pontos fortes e fracos do livro e da adaptação audiovisual.

A INFORMAÇÃO NA TV E NO VÍDEO

Um dos campos mais interessantes de utilização do vídeo para compreender a televisão na sala de aula é o da análise da informação, para ajudar professores e alunos a perceber melhor as possibilidades e limites da televisão e do jornal como meio informativo.

O professor pode propor inicialmente algumas *questões gerais* sobre a informação para serem discutidas em pequenos grupos e depois no plenário.

- Como eu me informo.
- Que telejornal prefiro e por quê.
- Do que não gosto neste telejornal e como faria para mudar.
- Que semelhanças e diferenças percebo nos vários telejornais.
- Que análise faço dos dois principais jornais impressos.

Pode-se fazer uma análise de *um programa informativo da televisão* (por exemplo, do **Jornal Nacional**) e de *dois jornais impressos* do dia seguinte. O professor pede a um dos alunos que anote a seqüência das notícias do telejornal e a outro que cronometre a duração de cada notícia.

Depois da exibição, o professor pede que os alunos se dividam em grupos e que alguns analisem o telejornal, e pelo menos

dois analisem os jornais impressos (cada grupo um jornal).

Questões para análise do *telejornal*:

- Que notícias chamaram mais a sua atenção (notícias que sensibilizaram mais, que marcaram mais). Por quê?
- Que notícias são mais importantes para cada um ou para o grupo. Por quê?
- O que considerou positivo nesta edição do telejornal (técnicas, tratamento de algumas matérias, interpretação...)
- Do que discorda neste telejornal (de algumas notícias em particular ou em geral).

Questões para análise do *jornal impresso*.

- Notícias mais importantes para o jornal (quais são as mais importantes da primeira página); que enfoque é dado.
- Que notícias coincidem com o telejornal (notícias que o telejornal anterior não divulgou).
- Qual é a opinião do jornal neste dia (análise dos editoriais, das matérias, que normalmente estão na segunda ou terceira página e não estão assinadas).

O professor pode reconstruir a seqüência das notícias por escrito na frente do plenário e pedir ao cronometrista que anote a duração de cada matéria.

Cada grupo coloca no plenário as respostas à primeira questão. O professor procura reconstruir com todos os alunos as notícias mais importantes para a emissora e para o jornal impresso. Vê as coincidências e as discrepâncias. Convém analisar a notícia mais importante com calma, exibindo-a de novo, observando a estrutura, as técnicas utilizadas, as palavras-chave, a interpretação. E assim vão respondendo às outras três questões, sempre confrontando a informação da televisão com a do jornal impresso, observando as omissões e/ou acréscimos mais importantes.

Com esta análise não se chega a uma visão de conjunto, mas se percebe a parcialidade na seleção das notícias, na ênfase dada, na relativização da televisão e, sobretudo, na espetacularização da televisão como uma das armas importantes para atrair o telespectador.

A informação a partir da produção

A análise também pode partir de uma dinâmica que utiliza a produção de um jornal pelo grupo utilizando o mesmo material informativo prévio. O coordenador grava um ou dois telejornais da mesma noite e adquire alguns exemplares de dois ou três jornais impressos do dia seguinte.

Os grupos recebem os mesmos jornais impressos. Cada grupo elaborará um *noticiário radiofônico*, de cinco minutos, a partir dos jornais, seguindo a ordem que achar mais conveniente.

Cada grupo grava o seu noticiário ou lê como se fosse ao vivo. Pede-se a alguns participantes que anotem a seqüência das notícias, a sua duração e as palavras-chave de cada notícia. Colocam-se esses dados em públi-

co - num quadro negro ou cartolina. Discutem-se no plenário as coincidências e as diferenças de cada grupo na seleção e tratamento do mesmo material informativo inicial.

Numa segunda etapa os alunos relatam acontecimentos que presenciaram - pessoalmente ou que conhecem bem - e os compara como apareceram nos jornais e na televisão.

Esta técnica enriquece a análise com o processo de seleção de cada grupo. Exemplifica os mecanismos envolvidos no tratamento da informação mais claramente, porque são percebidos na análise da própria produção. De outro lado, as interferências ideológicas no processo de escolha também se mostram mais evidentes. De qualquer forma, mais que a análise de um programa, o importante é tornar a pessoa mais atenta a todo o processo informativo, às mediações conjunturais e do processo de produção da indústria cultural, que interfere nos resultados informativos.

Os alunos também podem fazer um pequeno jornal impresso ou em vídeo, com notícias das aulas e da vida deles. Depois, o professor discute com os alunos como foi o processo de seleção das notícias e de produção do jornal ou telejornal.